

política



Repórter Brasília Edgar Lisboa

edgarlisboa@jornaldocomercio.com.br

Autorregulação das plataformas

O Congresso Nacional termina o primeiro semestre de 2024 com alguns projetos importantes que, tudo indica, que não serão colocados em votação. Um deles, avaliam alguns parlamentares, é o polêmico das fake news, que passa a tramitar juntamente com a proposta de Inteligência Artificial. O **Repórter Brasília** ouviu o presidente da Associação Nacional de Jornais (ANJ), Marcelo Rech (foto), entidade que representa os 100 maiores diários do País sobre o tema.



ANJ/Divulgação/JC

Responsabilização 'sensata e razoável'

Na opinião de Marcelo Rech, "as plataformas deviam se autorregular. Na ausência de autorregulação, é preciso estabelecer uma responsabilização sensata, razoável, lógica, que faça sentido".

Chance de aprovação

"Tem um aspecto na inteligência artificial que me parece que é um projeto mais amplo", acentuou Marcelo Rech. Ele acredita que com o trabalho que vem sendo desenvolvido pelo relator da IA no Senado, senador Eduardo Gomes (MDB-TO), o projeto tem uma boa chance de ser aprovado, e aí englobar essa responsabilização.

Na omissão, STF faz

"Se não houver responsabilização pelo Congresso, o Supremo vai regular. O STF já deixou claro que está examinando a constitucionalidade do artigo 19 do marco civil na internet, que é aquele que isenta de responsabilidade as plataformas", sublinha Marcelo Rech.

Contas inautênticas

"Eu não posso ter robô, não posso ter conta falsa, não posso ter o que eles chamam de contas inautênticas. Então tem que expurgar tudo isso, até porque isso é uma fraude para os anunciantes, porque fica gerando audiência falsa", entende Rech.

Liberdade de expressão

"A liberdade de expressão está clara na Constituição", atesta Rech. "É livre a expressão do pensamento, vedado ao anonimato. Então, primeira coisa: porque é vedado o anonimato? Porque qualquer pessoa pode vir a ser responsabilizada pela opinião", alerta.

Modelo Ideal

Para Marcelo Rech, "o modelo ideal seria as plataformas se autorregular, adotando uma postura de responsabilidade, de conduta ética, enfim, como qualquer outra organização. Eu costumo dizer que nenhuma empresa, no mundo, pode se isentar de responsabilidade pela forma que ela faz dinheiro; seja ela empresa de construção, ou outra atividade qualquer".

Compra de impulsionamento

O presidente da ANJ não vê disposição das plataformas em querer assumir a responsabilidade. Segundo Marcelo Rech, "eles vão tentar postergar, procrastinar ao máximo. Agora, no mínimo pelo conteúdo que é impulsionado, que eles fazem dinheiro diretamente, que é a publicidade, ou seja, a compra de impulsionamento, deve haver regras".

Código Penal

"Os principais abusos cometidos são injúria, calúnia e difamação, que estão no Código Penal há mais de meio século, e que está valendo para todo mundo, não só para jornalista. Quem comete injúria, calúnia e difamação, corre o risco de ser processado e vir a ser condenado", alerta.

Crime de desinformação

"Não existe ainda o crime de desinformação, crime de fake news; mas a pessoa, dependendo do que for divulgado, pode ser enquadrada", observa Marcelo Rech.

Após o Real, faltou a

Entrevista Especial



Nícolas Pasinato
nicolasp@jcrs.com.br

O ex-presidente do Brasil Itamar Franco (na época PRN) convocou, as vésperas do lançamento do Real, Rubens Ricupero para ser "a cara do plano". Diplomata de carreira, ele assumiria o lugar de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), que se afastara para concorrer às eleições presidenciais de 1994. Em livro de memórias recém-lançado, Ricupero recorda que tentou recusar o convite para assumir a Fazenda por não ser da área econômica, mas acabou recebendo como resposta de Itamar a de que "ele seria a única opção".

Nesta entrevista ao **Jornal do Comércio**, que faz parte de uma série de reportagens sobre os 30 anos do Plano Real, o ex-ministro da Fazenda lembra desse e de outros bastidores da época do lançamento do plano. Faz ainda uma reflexão sobre o legado do Real e sobre o que ficou faltando para a economia do País após a estabilização da moeda. Também comenta caso marcante de sua biografia, que ficou conhecido como o "escândalo da parabólica", quando transmissão televisiva vazada o captou dizendo "o que é bom a gente fatura e o que é ruim a gente esconde", o que o fez pedir demissão após apenas 5 meses no posto.

Jornal do Comércio - Qual a reflexão que faz ao chegarmos neste marco de 30 anos do Real, sendo um dos responsáveis pela sua implementação na época?

Rubens Ricupero - Esta data (dos 30 anos) deveria ser não só um dia de celebração pelo que se conquistou, mas também uma forma de alerta, porque esse tipo de conquista nunca é algo definitivo. Sempre há o risco de se recair no passado, por erros cometidos, sobretudo, devido à falta de continuidade de políticas entre os diferentes governos. Por isso, acho que é uma excelente oportunidade para refletir, primeiramente, o que se conquistou. Quando se olha para a Argentina, é possível medir a diferença que fez o Real. É como se eles tivessem perdido 30 anos, porque eles estão no ponto em que estávamos em 1993

e 1994. Há tudo ainda a fazer por lá em matéria de inflação e na situação externa, já que eles nunca resolveram o problema da dívida externa, que nós resolvemos na mesma época (do Plano Real). Então para mim, embora tenha consciência clara de que minha participação foi limitada, chegar nesta data e ter podido contribuir me alegrou muito.

JC - Quem foram os protagonistas do Plano Real na sua visão?

Ricupero - No plano político, a importância maior foi mesmo do presidente Itamar Franco, porque com todas as suas contradições que descrevo no meu livro, os seus instintos populistas etc foi quem criou as condições políticas. Se não fosse Itamar, Fernando Henrique ministro da Fazenda nunca teria existido. Eu tampouco. Nem a equipe (econômica). E com todos os problemas que ele tinha, no final, sempre acabava por escutar o que tínhamos a dizer. Mas o grande mérito diria que foi do Fernando Henrique. Isso é indiscutível. Ele aceitou a convocação (para ministro da Fazenda) em uma hora difícil. Foi capaz de trazer uma equipe de primeira qualidade. Até hoje acho que é a melhor equipe econômica que o Brasil já teve. Logo em seguida vem o mérito deles (equipe econômica). De terem elaborado um plano muito original. A originalidade do Pêrsio Arida e do André Lara Resende foi que eles foram os primeiros a perceberem que, com a indexação brasileira à época, nossa inflação tinha um caráter de inércia. Então, a grande invenção do Real foi a URV (Unidade Real de Valor).

JC - E qual foi o seu papel?

Ricupero - Diria que meu papel foi limitado: tive três funções. A primeira foi resistir às pressões para mudar o plano, e foram muitas. Sobretudo por parte de um grupo que era mais chegado ao presiden-

te. Naquela época, a situação geral não era muito diferente da de hoje. O governo queria fazer bondades. Queria aumentar o salário-mínimo, dar aumento aos funcionários, aos professores, à Polícia Federal, aos militares e aos civis. Eram metas justas. Só que a economia do País não permitia naquele momento. O orçamento estava muito no limite. Então, meu papel era muito ingrato, era dizer não a tudo. Eu passei cinco meses negando tudo o que queriam fazer. A segunda é que eu tive que fazer todo o meio de campo com o Congresso. Por exemplo, o Fernando Henrique achava que não ia dar para aprovar a Medida Provisória (do Real) no Congresso. Eu levei adiante o esforço com Edmar Bacha (da equipe econômica) e nós aprovamos tudo. A terceira função que carregava, que foi a que apareceu mais, foi a comunicação com o público. A cada semana eu preparava um programa para ir a televisão sobre um tema, como explicar a URV, como ia ser a mudança, que data seria, como seria a taxa de conversão. A grande diferença entre o Real e os planos anteriores é que não houve choque ou confisco de poupança. Não houve surpresa. Tudo foi anunciado antes.

JC - A comunicação foi essencial para o sucesso do Real?

Ricupero - Na verdade, não há uma resposta única para a sua pergunta. Não existiu uma "bala de prata". As explicações são várias. Uma é aquela que nós já falamos, da ideia muito original e inteligente da URV, de que a nossa inflação era um animal diferente, não era como as outras inflações, tinha o problema da correção monetária. O segundo fator foi que a população também não aguentava mais. Já havíamos tido muitos outros planos. Então, todo mundo queria que des-



"O déficit é muito grande. Vejo o ministro da Fazenda (Fernando Haddad) na direção correta"